



DISCURSO E TECNOLOGIA: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DO POVO INDÍGENA ASSURINI DO TROCARÁ, NO PARÁ

DISCOURSE AND TECHNOLOGY: INFORMATIONAL PRACTICES OF THE ASSURINI INDIGENOUS PEOPLES OF TROCARÁ, PARÁ

Benedita Celeste de Moraes Pinto¹, Andrea Silva Domingues², Cristian Caio Silva Moreira³

RESUMO

Este estudo objetiva analisar como ocorre o funcionamento do discurso no que se refere ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação entre os indígenas Assurini da Aldeia Trocará, no município de Tucuuruí, no Pará. Observam-se possíveis alterações no cotidiano dos habitantes desse território a partir da interação nas redes sociais e do uso dos aparelhos tecnológicos. Metodologicamente, realizou-se um estudo qualitativo e discursivo com pesquisa de campo, o qual envolveu estratégias de modo a usar a tecnologia em período pandêmico e a troca de saberes com colaboradores, sujeitos da pesquisa. Isso possibilitou um *corpus* de análise composto de narrativas orais e fotografias. Teoricamente, o estudo está filiado à análise de discurso e à História Crítica Social, com um olhar político e histórico sempre pautados na ética da pesquisa. Como parte dos resultados, notou-se que os indígenas Assurini da Aldeia Trocará utilizam as TICs como forma de

¹ Doutora em História Social pela PUC/SP (2004). Mestre em História Social pela PUC/SP (1999). Licenciada e Bacharel em História pela UFPA (1995). Atualmente, é professora adjunto A da Universidade Federal do Pará, lotada no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, atuando na Faculdade de História do Tocantins (FACHTO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC). Possui estágio Pós-Doutoral em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT pelo PROCAD Amazônia – Capes (2019). E-mail: celpinto18@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC); do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL) e da Faculdade de Linguagem - Letras Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará / CUNTINS Cametá. Pós-doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Global da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutorado em Ciências da Linguagem/ Análise de Discurso pelo LABEUB – UNICAMP. Doutora em História Social pela PUC/SP. Líder do Grupo de Pesquisa Discurso Sentido, Sociedade e Linguagem (DISENSOL). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa da UFPA: Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA). E-mail: andrea.domingues@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9264-7754>

³ Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará (2022). Mestrando em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPA). Participante do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (HELRA) (CNPq/UFPA). Participante do grupo de pesquisa Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA) (CNPq/UFPA). E-mail: cristianmoreira562@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8829-9665>

adquirir novos saberes e de resistir mediante às necessidades que se apresentam no atual mundo globalizado.

Palavras-chave: tecnologias; indígenas; tradição; Assurini.

ABSTRACT

This study aims to analyze how discourse functions in relation to the use of Information and Communication Technologies among the Assurini indigenous people of Trocará Village, in the municipality of Tucuruí, Pará. We observed possible changes in the daily lives of the inhabitants of this territory from interaction on social networks and the use of technological devices. Methodologically, a qualitative and discursive study was carried out with field research, which involved strategies for using technology during the pandemic and the exchange of knowledge with collaborators, the subjects of the research. This enabled a corpus of analysis made up of oral narratives and photographs. Theoretically, the study is linked to discourse analysis and Critical Social History, with a political and historical perspective that is always guided by research ethics. As part of the results, it was noted that the Assurini indigenous people of Trocará Village use ICTs as a way of acquiring new knowledge and resisting the needs of today's globalized world.

Keywords: technologies; indigenous people; tradition; Assurini.

INTRODUÇÃO

Após cinco séculos de colonização mental e material, construiu-se, ao longo da história, um imaginário social que estabelece uma posição sociocultural destinada às populações indígenas e um lugar de submissão e atraso, que desconsidera o protagonismo e a resistência dos sujeitos.

Frente às visões estereotipadas acerca dos povos indígenas, elas estão enraizadas, historicamente, na mentalidade coletiva pelo funcionamento do discurso fundador, que põe em movimento a produção de sentidos das palavras pelo e no discurso por paráfrases, e de novos sentidos gerados pelos mesmos sentidos, mas com “diferentes” enunciados, que nos direciona a “fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada” (Orlandi, 1993, p. 13).

Nesse contexto, o discurso fundador é compreendido por estes pesquisadores como uma “ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância” (Orlandi, 1993, p. 23-24). Tal discursividade faz emergir, na contemporaneidade, um movimento de resposta à noção de estagnação social e tecnológica da participação indígena na era digital, contrariando o pensamento hegemônico que, ininterruptamente, considerou-os sujeitos à parte da sociedade nacional e não inseridos na virtualidade.

Em consonância com Pinto e Procópio (2018), a inserção das TICs⁴ entre as populações indígenas, como a Assurini, viabiliza a rapidez no acesso às informações e o relacionamento com

⁴ Sendo do século passado, o conceito foi utilizado no transcorrer dos primeiros estudos na comunidade, como forma de compreender o processo histórico da chegada dos primeiros produtos tecnológicos à aldeia Trocará, os quais, mais tarde,

pessoas de todo o mundo, contribuindo para o processo de evolução tecnológica. Dessa forma, tais indígenas veem as novas TICs como aliadas no fortalecimento identitário, na valorização histórica e sociocultural e no combate a vários tipos de preconceitos sofridos ao longo dos anos (Pinto; Procópio, 2018).

Tendo por base tais argumentações, a pesquisa que originou este texto teve como lócus de estudo a Aldeia Indígena Assurini do Trocará, localizada no município de Tucuruí (PA), objetivando analisar como ocorre o uso das tecnologias de comunicação entre os indígenas dessa aldeia. Buscou-se entender o processo de uso das tecnologias de comunicação entre os indígenas Assurini, uma vez que grande parte dos habitantes dessa aldeia é conhecedora e usuária de diferentes tecnologias informacionais e comunicacionais. Nesse sentido, este estudo se alicerça na inquietação de verificar de que maneira esses indígenas fazem uso de redes sociais e das TICs como ferramenta de interação social, interna e externamente à aldeia Trocará.

Como pesquisadores da educação e da linguagem, adotamos como estratégia metodológica uma abordagem qualitativa devido à proximidade com os sujeitos envolvidos, visto que estes pesquisadores/autores atuam no grupo de pesquisa Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (QUIMOHRENA) e no Grupo de pesquisa Discurso, Sentido, Sociedade e Linguagem (DISENSOL), os quais realizam pesquisas e ações de, sobre e com as comunidades tradicionais da Amazônia tocantina. Em virtude disso, a pesquisa dispôs-se de imagens e narrativas orais, mediante entrevistas, conversas informais e histórias de vida, no intuito de compreender o cotidiano dos indígenas na comunidade, bem como as relações de sociabilidade que se desenvolvem a partir da interação delas com as TICs e seus desdobramentos.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A primeira etapa de coleta de dados, devido ao período pandêmico da Covid-19, ocorreu com o apoio da tecnologia, cujo desafio foi (re)significar a pesquisa etnográfica, utilizando as redes sociais (*Facebook* e *WhatsApp*) como forma de comunicação e participação dos sujeitos. Nesse sentido, as novas tecnologias digitais, em certa medida, “buscam a democratização do acesso à informação, ao conhecimento construído e acumulado pela humanidade, e a educação, gerando a interação e o advento de uma cultura digital” (Weyh; Pereira, 2020, p. 3).

Em uma segunda etapa, tivemos a oportunidade de nos fazer presente, tendo em vista todos os cuidados necessários e autorização dos órgãos e lideranças indígenas competentes na aldeia, momento que viabilizou diálogos presenciais para realizar entrevistas orais.

A construção das narrativas orais aconteceu mediante entrevistas, conversas informais e histórias de vida, no intuito de compreender o dia a dia dos sujeitos na aldeia Trocará, bem como as relações de sociabilidade que se desenvolvem com base na interação delas com as TICs e seus desdobramentos, pois:

materializaram a Internet na realidade local. Para Noronha (2010), as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) são meios de comunicação que surgem no contexto da Revolução Informacional, “Revolução Telemática” ou Terceira Revolução Industrial, constituindo-se, gradualmente, após a segunda metade da década de 1970 e, em especial, nos anos 1990. Seu advento potencializou o surgimento da “sociedade da informação”, construindo diferentes formas de comunicação difundidas pelo mundo na atualidade, como jornais, rádios, televisões, ingressando na cibernética e universalizando qualquer informação, sobretudo, através da Internet ou por *e-mail*. Logo, nota-se que as novas tecnologias se associam à interatividade quando a comunicação torna-se universal a pessoas indeterminadas, e não de forma restrita ou direcionada a pessoas específicas (Noronha, 2010).

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (Thompson, 1992, p. 44).

No mesmo sentido, Portelli (1997) defende que a memória é um processo individual, sendo que ocorre em um meio social, o que torna a história oral diferente e conta-nos menos sobre eventos do que significados. Isso porque as entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos, pois “lançam nova luz sobre as áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (Portelli, 1997, p. 22-31). Da mesma forma, utilizaram-se fontes imagéticas do acervo pessoal dos colaboradores da pesquisa, o jovem Sumiká Assurini e a professora Imuinawa Assurini, cujas imagens foram feitas por eles e enviadas aos pesquisadores no início de 2021.

Portanto, os registros fotográficos inseridos neste trabalho são de autoria dos próprios Assurini, revelando, assim, a ótica que possuem no tocante à questão tecnológica presente no contexto da sua aldeia. Por meio desses registros fotográficos, explicita-se ainda mais o que debatemos ao longo deste texto, na medida em que oferece a percepção dos próprios indígenas ao fazerem tais registros.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

As formas como acontecem a inserção e a apreensão das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos indígenas de muitas comunidades, espalhadas pelo território brasileiro e pelo mundo, são diversas e envolvem questões específicas. Dessa maneira, é importante compreender como as TICs penetram nas aldeias e de quais modos são utilizadas, ou não, pelos indígenas.

Assim, os recursos tecnológicos e digitais, potencializados pela presença das TICs no contexto das aldeias indígenas, tornam-se de importância “fundamental para eles adentrarem na cultura digital, socializarem com as outras pessoas, mas especialmente por auxiliar a mostrar a sua história, cultura e valor enquanto povo historicamente explorado, excluído e considerado inferior” (Weyh; Pereira, 2020, p. 13). Logo, as plataformas virtuais de comunicação como as redes sociais permitem:

A criação de vídeos e documentários em canais acessíveis à população, servindo para preservar aspectos importantes de suas memórias que historicamente foram secundarizadas e apagadas perante o discurso oficial. Logo, as novas tecnologias podem auxiliar no processo de construção de uma nova visão acerca dos povos indígenas e de sua contribuição cultural, ao proporcionar que eles mostrem sua realidade e deem a sua versão dos fatos ocorridos no passado, como no caso das Missões, contudo é uma ideia que ainda está se solidificando e necessita de apoio contínuo (Weyh; Pereira, 2020, p. 14).

Analisando a realidade e as especificidades dos Pankararu (PE) e dos Kariri-Xocó (AL), ao questionar acerca do significado das TICs e do espaço que estas ocupam na vida das etnias indígenas, Aguilar (2012) enfatiza que:

Ambas as comunidades em geral qualificaram as TICs como um espaço muito importante e de ajuda em suas vidas, contribuindo no processo de aprendizado/ estudo, no apoio ao trabalho escolar, como a constituição de fonte de pesquisa, de apoio ao trabalho de docência, como fonte informativa que os beneficia mostrando o que acontece no mundo, um meio de socialização e ainda como instrumento prático, como citaram o uso para o cadastramento do CPF (Aguilar, 2012, p. 123).

Refletir sobre esse processo de aprendizagem/estudo, o uso das TICs, especificamente, na comunidade Assurini do Trocará, e o funcionamento dos sentidos dessa materialidade discursiva para a vida dos sujeitos possibilitou notar de que maneira os povos tradicionais usam as tecnologias para adquirir novos saberes e, maiormente, resistência para vencer silenciamentos e discursos fundadores, além das memórias eurocêntricas, fortalecendo suas práticas culturais e modos de viver e ser.

Pensar a materialidade discursiva pelas narrativas orais e a linguagem visual/ imagética em nossos estudos tem uma significatividade semelhante à proposta de Baronas e Aguiar (2009) quando afirmam que:

Trata-se então do ponto de vista pecheutiano de pensar por um lado o discurso como uma materialidade igualmente constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, por outro, que esse estruturamento discursivo se dá sempre não na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores (Baronas; Aguiar, 2009, p. 167).

Nesse sentido, o uso das TICs na comunidade Assurini do Trocará é vista por esses pesquisadores como um fenômeno que ultrapassa o acontecimento discursivo, pois se trata, também, de um acontecimento histórico, em que o discurso não é apenas percebido como uma materialidade de estudo, mas também compreende um processo socioconstitutivo, uma historicidade. Ou seja, todo o movimento da palavra veiculado às questões ideológicas que inspiram a pensar de que forma o sujeito indígena percebe o uso das TICs no processo de ensino-aprendizagem.

Foto 1 – Cacique Pirá Assurini utilizando o computador na sede da Funai



Fonte: Acervo da professora Imuinawa Assurini (2021).

Foto 2 – Cacique Pirá Assurini utilizando o computador na escola Wararaawa Assurini



Fonte: Acervo da professora Imuinawa Assurini (2021).

Presente nas Fotografias 1 e 2, Pirá Assurini é um dos caciques do povo Assurini, o qual dispõe da Internet e dos computadores disponíveis nas repartições públicas dentro e fora da aldeia para acessar um conjunto de informações, para se comunicar com órgãos públicos e realizar estudos para sua própria formação. A tecnologia e, especificamente, o mundo *web* despertam o interesse dos indígenas por ser um caminho de sociabilidade, troca de saberes e de resistência para disseminação de suas lutas e de sua cultura.

Como recurso de ativismo político das coletividades indígenas, a utilização de dispositivos digitais, por meio do acesso à Internet, potencializou o fluxo de informações e a comunicação entre os indígenas, constituindo redes interculturais de “interação entre o novo paradigma tecnológico e a organização social em uma perspectiva na qual tudo está interconectado” (Benedetti, 2020, p. 64). Nessa perspectiva, a Internet e suas múltiplas facetas adentram as comunidades indígenas e integram o cotidiano comunitário, de tal modo que emergem novas formas de relação social.

Na comunidade Assurini, o acesso à tecnologia se dá, particularmente, no espaço escolar no qual há a possibilidade de se comunicar pela rede de Internet e pelos computadores. Dessa forma, as TICs auxiliam, em especial, lideranças e professores indígenas para que possam navegar e dialogar com e nas redes virtuais. Acerca disso, Márcia Wayna Kambeba assevera:

A tecnologia é de fundamental importância para a nossa luta hoje, seja por resistência cultural, seja por resistência territorial, seja por informação. As pessoas não param pra analisar a profundidade do que os indígenas estão querendo. O indígena tá dizendo assim: “olha, tu já explorou muito o meu saber, tu já explorou muito o meu conhecimento, tu já me roubou o território, me roubou culturalmente, me roubou ambientalmente, agora é hora de eu fazer uso do que tu criaste a partir da tua ideia de sociedade desenvolvida. Eu quero, sim, fazer uso do teu celular. Eu quero fazer uso do *notebook*, porque é do direito do indígena.”⁵

⁵ Narrativa de Márcia Wayna Kambeba, cedida em 23/05/2020.

Márcia Kambeba é uma das lideranças das mulheres indígenas na região Amazônica, é geógrafa, escritora e poeta que reside no Pará, originária da comunidade indígena Ticuna, localizada em Belém do Solimões, militante das lutas indígenas. Em sua narrativa, Márcia evidencia a importância da tecnologia na contemporaneidade para as lutas de seu povo, seja pela cultura, pelos saberes, pelo território, seja pelo acesso à informação. O uso dos saberes e de instrumentos tecnológicos dos não indígenas é entendido como uma forma de luta e resistência na chamada “sociedade desenvolvida”, visto que pelos (e nos) avanços tecnológicos são (re)significados novos espaços de se dizer, de se fazer e de resistir dos povos indígenas e para o seu melhor bem viver da forma que querem.

No uso dos instrumentos tecnológicos, em especial, da rede *web*, os indígenas encontram novos caminhos de registros de suas memórias, de preservação de suas histórias e lutas e de divulgação de sua cultura. De forma que, mesmo não sendo inseridos pelos não indígenas no mundo virtual, tomam posse do que querem e fazem-no do modo que eles querem.

Compreendendo as imagens fotográficas como *corpus* de análise deste estudo, é possível interpretar um discurso imagético que reverbera aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta, pois, como bem descrito por Pêcheux (2018), a linguagem, seja ela verbal ou não, é sua incapacidade e impossibilidade de tudo dizer e de tudo significar, ou seja a “Memória Gráfica não têm apenas a importância de registro de uma cultura visual: ela é a materialização do próprio discurso de uma determinada Formação Discursiva” (Almeida, 2019, p. 53).

Mediante tal perspectiva é que as fotografias deste texto são partícipes do *corpus* de análise, de modo a favorecer a interpretação de diferentes discursos, práticas culturais, maneiras de se fazer e significar pelo uso das tecnologias pela e na comunidade Assurini do Trocará, indo além de um olhar colonialista. Uma proposta decolonial, que reconhece, de fato, a discussão intercultural crítica, que supera os discursos hegemônicos e pode fortalecer as lutas e formas de viver das comunidades indígenas em seus territórios, saberes e natureza.

Sendo, pois, uma relação intercultural que passa pela e na educação. Para Fleuri (2003, p. 77), “trata-se da interação entre sujeitos. Isso significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade”. Além disso, pelos usos das TICs, essa relação também é possibilitada, de tal forma que avança barreiras de espaços e tempo.

O contato dos povos indígenas com as tecnologias de comunicação e, em seguida, com a Internet, desde seu princípio, foi pensado como meio que possibilita novas formas de agir, politicamente, em busca e garantia de direitos. Após o domínio dos aparelhos tecnológicos digitais por uma parte dos sujeitos indígenas, mesmo com suas problemáticas, o acesso à Internet constitui-se como um “significativo ambiente informacional de atuação dos povos originários no Brasil e no mundo, pelo qual o conflito territorial e a afirmação das suas especificidades culturais continuam a incitar ações comunicativas inovadoras na rede” (Franco; Di Felice; Pereira, 2020, p. 111).

Produzida no território indígena, na comunidade Assurini do Trocará nos arredores da escola dentro da aldeia, lugar em que há sinal para acesso à internet, a Fotografia 3 evidencia o uso dos aparelhos tecnológicos, como o celular, para acesso às informações além do território indígena. Na observação *in loco* durante nossas visitas à comunidade, é perceptível a preocupação dos jovens com pautas da comunidade, ao perceberem as TICs como aliadas no fortalecimento político/cultural e que estão presentes entre eles em grande proporção, favorecendo, cada vez mais, novas experiências que contribuem para a ampliação das formas de lidar com o mundo contemporâneo mo-

dermo, dialogando com elementos tradicionais do modo de vida Assurini e com as tecnologias e saberes dos não indígenas.

Desse modo, os novos meios de comunicação, que, por muito tempo, foram e continuam a ser vistos por grande parte da sociedade como “propriedade” dos não indígenas, estão presentes no dia a dia dos Assurini, tornando-se necessário se apropriar dessas “coisas que esses branco faz pra se comunicar com o outro” (Piraunia Assurini).

Cabe ressaltar que a apropriação das tecnologias de comunicação, em contexto indígena, são usadas como ferramentas de integração virtual entre populações de diferentes lugares do território nacional e internacional em uma perspectiva da “interculturalidade no sentido de inclusão digital” (Santos, 2011).

A implantação das TICs nas comunidades indígenas implica pontos positivos e negativos, como é possível perceber na narrativa do professor Waremoa Assurini, mais conhecido como Peppe:

Foto 3 – Jovens Assurini na aldeia usando, em conjunto, o celular



Fonte: Acervo de Sumiká Assurini (2021).

A grande preocupação nossa hoje nas redes sociais são, principalmente, os jovens, porque acaba que influenciando outras coisas diferentes, como no caso a pedofilia infantil. Tem criança que utiliza a rede social lá na aldeia, entendeu? É... a criminalidade também na questão da prostituição, na questão da droga. Muitas das vezes têm influências dos não indígenas pra dentro da aldeia, e isso já acontece, a gente tem exemplo de outras aldeias. Que aconteceu e vem acontecendo, eu não sei se na aldeia acontece, porque a gente nunca teve esse tipo de caso, mas isso não quer dizer que não possa tá acontecendo... Muito acontece lá na minha aldeia assim, às vezes, eles compram aquelas caixinhas, *pendrive* ou cartão de memória, eles colocam música, abaixam música; só *Funk*, muita das vezes é *Rap*. Se você ver o celular dos jovens, a maioria deles é *Rap* e *Funk*, entendeu? Aí isso aí é um ponto negativo pra nós, porque a gente quer utilizar pra influenciar a nossa cultura, pra engrandecer a nossa cultura.⁶

Como bem afirma Waremoa Assurini, casos de pedofilia, prostituição, drogas e criminalidade podem ser facilitados por meio das redes de comunicação a partir da interação dos indígenas Assurini com pessoas não indígenas desconhecidas. Ainda em sua fala reitera que não sabe “se na aldeia acontece porque a gente nunca teve esse tipo de caso, mas isso não quer dizer que não possa tá acontecendo”, conforme ocorre em casos de outras etnias, sendo, pois, um alerta para se atentar a essas questões. Na Fotografia 4, podemos observar crianças usando o celular, o qual serve como atrativo para eles. Válido elucidar que muitos aprendem a utilizá-lo na fase inicial da vida, baixando jogos ou dominado outras funções do aparelho, ocupando um espaço na vida cotidiana.

⁶ Professor Waremoa Assurini, entrevista cedida em 16/11/2019.

Foto 4 – Crianças Assurini no espaço livre da comunidade utilizando o celular



Fonte: Acervo de Sumiká Assurini (2021).

Atividades como escutar músicas em caixinhas de som são muito recorrentes dentro da aldeia, sobretudo, nos estilos musicais *Rap* e *Funk*, que predominam entre os jovens. Eles são reproduzidos com a mesma frequência em seus aparelhos celulares, aspecto que também preocupa Peppe, visto que preferia que esses recursos fossem utilizados para “influenciar” e “engrandecer” a própria cultura Assurini. Observa-se, assim, ser importante atentar-se para pontos negativos na utilização das TICs, percebidos com mais frequência no contexto da juventude a partir do instante em que passam a usar os eletrônicos e as redes sociais com propósitos que trazem prejuízos para si e para cultura de seu povo, afinal:

Uma das atividades que os Assurini mais gostam de fazer nas suas aldeias é usar o celular para registrar o cotidiano dos familiares e amigos em fotos e vídeos. Embora alguns indígenas ainda utilizem a tecnologia só como distração. Puraké Assurini afirma que, apesar de saberem que “a tecnologia é boa”, não podem “perder seus traços culturais”, por isso há jovens Assurini que tentam manter antigas tradições culturais, como: a caça, a pesca, as pinturas, as danças, as brincadeiras, além de outras. Tal reflexão ressalta a preocupação desse grupo indígena em manter culturas, costumes e tradições do seu povo (Pinto; Procópio, 2018, p. 188).

Nota-se, na narrativa do Cacique Puraké Assurini, conforme excerto acima, que havia grande preocupação nas consequências que a entrada das TICs pode causar nas tradições culturais do povo Assurini, sentimento corroborado na entrevista com a professora Vanderleia Assurini, a qual pontua que “os nossos anciãos sempre falam que as tecnologia não é nossa e sempre tá cobrando”, ou seja, as lideranças da comunidade têm consciência dos pontos positivos e negativos dos usos da tecno-

logia no território indígena. Dessa forma, precisam “conversar com eles até eles compreenderem”. Nesse sentido:

As gerações indígenas mais antigas parecem oferecer maior resistência à reafirmação das identidades étnicas, em grande medida ainda influenciadas pelas sequelas do período colonial repressivo. E não é por menos. Eles foram forçados a abdicar de suas culturas, tradições, de seus valores e saberes porque eram considerados inferiores, satânicos e bárbaros (ou seja, eram considerados como sinônimo de atraso, o que os impedia de entrar no mundo civilizado, moderno e desenvolvido) e para poderem se tornar gente civilizada, moderna e desenvolvida. Eles foram obrigados a acreditar que a única saída possível para o futuro de seus filhos era esquecer suas tradições e mergulhar no mundo não-indígena sem olhar para trás. Mas, mesmo assim, muitos velhos sábios e anciãos indígenas estão superando esse trauma psicológico e embarcando no caminho que está sendo traçado e construído pelas gerações mais jovens, onde prevalece a recuperação da autoestima, da autonomia e da dignidade histórica, tendo como base a reafirmação da identidade étnica e do orgulho de ser índio (Luciano, 2006, p. 40).

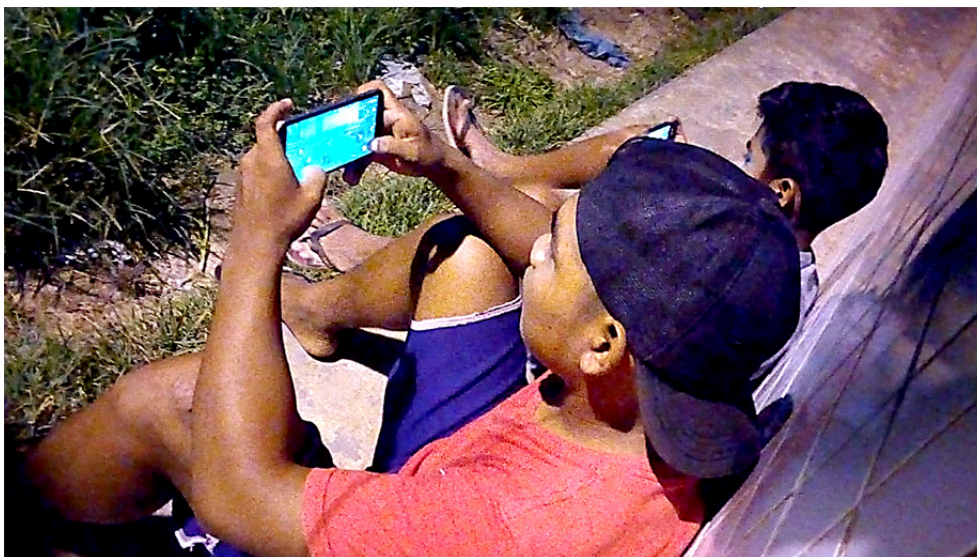
Ao se referir ao uso dos aparelhos eletrônicos e das plataformas digitais pelos jovens Assurini, o jovem Piraunia Assurini também expressa sua preocupação relacionada ao mau uso que se faz destes pela juventude, ao destacar as problemáticas presentes em sua realidade, enfatizando os efeitos negativos que afetam a cultura de seu povo e sua preferência em não utilizar mais individualmente e com muita frequência os eletrônicos em seu dia a dia.

Hoje em dia que eu vejo: tá rolando lá essas tecnologias na nossa aldeia, que as criança usa, de menor, tem *WhatsApp*, *Facebook* pra eles usarem. Eu tinha, mas só que não tenho mais não, não quero usar agora também não. Porque o instrumento da Taquara mexe assim com a nossa mente, por isso que eu não pretendo usar isso não... O aparelho que foi pra aldeia, realmente assim, tá mexendo com a cabeça das pessoa, as pessoa tão mudando, começando a pegar as moda do branco, da cultura deles, aí isso; os aparelhos, tá mexendo muito com a cabeça deles, com a mente deles, porque eles não pensaram assim. A gente não vai obrigar eles deixar o celular deles de lado, né? Mas eles têm que fazer assim: usou celular, mas pensa na cultura deles. Mas não, eles tão pensando mais no celular que na cultura deles, às vez sai um evento assim, pessoas chama eles, eles nem vêm, ficam só no celular, a pessoa não pode falar nada também. Eu acho que o aparelho tá mexendo muito com a cabeça deles, as pessoas que têm aparelho estão mudando assim, de outra maneira.⁷

Na Fotografia 5, em contato com o celular e seus recursos por meio da Internet como forma de entretenimento, crianças e jovens utilizam em diferentes horários do dia e em diferentes espaços da comunidade, tendo ou não seus pais ou responsáveis por perto. Ainda que nem todos possuam um aparelho celular, ao utilizarem os de seus pais ou de pessoas próximas, estes “mexem” em conjunto e individualmente, compartilhando momentos que possibilitam aprender e inserir-se, cada vez mais, no mundo tecnológico e digital.

⁷ Piraunia Assurini, entrevista cedida em 17/11/2019.

Foto 5 – Crianças Assurini jogando no celular à noite



Fonte: Acervo de Imuinawa Assurini (2021).

Embora seja muito frequente e comum o acesso às TICs dentro de algumas comunidades indígenas e entre os indígenas que se encontram fora destas, existem aldeias em que esse contato ainda não é possível, ao passo que, em outras, ainda é pouco materializado, pois muitas enfrentam dificuldades na obtenção, no acesso ou no domínio delas. Essas comunidades são, em grande parte, afetadas pela desassistência do governo, uma vez que “nos programas sociais governamentais, as etnias brasileiras não tiveram prioridade, pois foram vistas de forma desigual e discriminatória” (Pinto, Procópio, 2018, p. 193).

De acordo com Noronha (2010), a despeito de que as novas TICs tenham favorecido progressos para a sociedade, nota-se não ter sido possível tal avanço alcançá-los de maneira unânime, uma vez que, na atualidade, grande parte das pessoas não têm acesso a essas tecnologias em seu cotidiano. Quando essas pessoas dispõem, é de forma extremamente limitada e restrita, o que promove o crescimento e a manutenção do analfabetismo digital.

Por mais que a democratização do acesso às tecnologias digitais não tenha se consolidado, completamente, nas comunidades indígenas, os esforços dos sujeitos, em busca de uma melhor inserção, ampliam as possibilidades de caminhar junto à era digital, ao passo que o letramento digital⁸ viabiliza aos povos indígenas participação considerável na estrutura social (Santos; Oliveira, 2019) e uma postura mais autônoma diante do novo modo de ser indígena dentro dos territórios virtuais.

Contudo, é necessário que lideranças e educadores indígenas estejam alerta para a chegada e a permanência das TICs nas comunidades para que esse contato e aprendizado seja diferenciado.

⁸ Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e *tablets*, em plataformas como *e-mails*, redes sociais na *web*, entre outras. Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. Uma situação seria a troca eletrônica de mensagens, via *e-mail*, SMS ou *WhatsApp*. É difícil estabelecer um parâmetro único para avaliar o letramento digital. Há inúmeras habilidades que deveriam ser, se não dominadas, pelo menos, familiares aos letrados digitais, mas cada contexto pode demandar diferentes usos do computador. É importante, no entanto, que os indivíduos tenham desenvolvido habilidades básicas que lhes permitam aprimorar outras, sempre que isso for necessário (Coscarelli; Ribeiro, 2013).

Conforme alerta Luciano (2006), são os próprios indígenas que têm de decidir sobre a melhor forma de apropriação dos recursos tecnológicos para que possam ter acesso a informações qualificadas que contribuam para tomadas de decisões precisas e conscientes, no propósito de garantir a autonomia destes perante a nova realidade, que pode acarretar prejuízos aos seus modos de vida. Em vista disso, para o autor, “o acesso aos recursos tecnológicos da informação e da comunicação precisa ser acompanhado de outras políticas sociais de forma adequada e articulada, para dar conta de todas as dimensões e formas de organização da vida desses povos” (Luciano, 2006, p. 90-91).

Em nossos diálogos, Piraunia Assurini afirmou que os jovens da sua aldeia “querem a parte deles do branco”, não desistindo de exercer o direito de se apropriarem das TICs. Em decorrência disso, na maioria das vezes, “deixa a cultura dele de lado pra ficar mexendo no celular que é do branco”, fator que ocorre devido à necessidade, cada vez mais intensa, de se incluírem entre os elementos específicos da denominada modernidade e conhecimentos do não indígena. Ou seja, querem conhecer o outro, pois estão inseridos na contemporaneidade e não estagnados no passado como seres exóticos, folclorizados e passíveis de qualquer dominação, mas, sim, como sujeitos ativos e donos de seu viver, saberes que resistem de diferentes formas.

Nesse passo, como forma de conceber a utilização das tecnologias pelos povos indígenas, existem variadas interpretações. Definições sobre os efeitos positivos e negativos permeiam a maneira de classificar as ações tecnológicas-indígenas. Assim, a concepção negativa deriva de análises assimilacionistas que reproduzem “a imagem essencializada do índio do mundo do branco” (Franco; Di Felice; Pereira, 2020, p. 111). Isso, ainda, é consequência do enraizamento histórico da representação cristalizada e romântica dos povos indígenas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na constituição deste texto, buscamos demonstrar, pelo discurso e pela linguagem tecnológica, o uso das TICs na comunidade indígena Assurini do Trocará, sendo perceptível que as populações indígenas, que habitam o território brasileiro na atualidade, ainda enfrentam, cotidianamente, os efeitos materiais e mentais do processo civilizatório. A discriminação e o preconceito se fazem presentes em suas realidades, nas quais suas ações dentro da “sociedade moderna” põem em debate questões ainda pouco compreendidas, discutidas ou aceitas por grande parte da sociedade, consolidando uma imagem estereotipada dos sujeitos, que traz à tona a discussão do “ser índio”, ou, correntemente, um indígena na contemporaneidade.

Ao dialogarmos teórica e metodologicamente de e sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação pelos povos indígenas, notamos como ocorre a dinâmica dessa relação no contexto da etnia Assurini, revelada ante a participação ativa dos indígenas Assurini no processo de resistência por intermédio das TICs, que, mesmo com as dificuldades e problemáticas envolvidas, conseguem reinventar suas formas de lutar pela vida, pelo território e pela cultura/identidade Assurini.

Ao longo do estudo, intentamos demonstrar o papel dos recursos tecnológicos e suas ferramentas no contexto dessa etnia, em que homens e mulheres, que habitam a comunidade, inserem-se cada vez mais entre as novas tecnologias, de modo que suas experiências intensificam, diariamente, a forma de viver e lidar com os eletrônicos.

As influências dos não indígenas, que vêm acompanhadas dos aparelhos, difundem-se entre os Assurini, refletindo em suas ações e trazendo novas formas de se viver e resistir pela e na cultura Assurini, na medida em que o processo de contato com as tecnologias envolve questões individuais e coletivas específicas de cada população tradicional, inserida no mundo moderno e capitalista,

no qual não há políticas públicas de aprendizagem que atendam, na prática, às necessidades de cada sociedade de forma a contribuir para o bem viver e para as formas que decidirem viver.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Alejandra. Identidade/diversidade cultural no ciberespaço: práticas informacionais e de inclusão nas comunidades indígenas no Brasil. *Inf. & Soc.*, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 121-128, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4808/7369>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- ALMEIDA, João Flávio de. Estética da incompletude: o discurso imagético nos estudos do design gráfico. *Revista (UNAERP)*, Ribeirão Preto, v. 11, jan./ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/inrevista/article/download/1836/1367>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- BARONAS, Roberto Laser; AGUIAR, Gisele Freitas de. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/download/3017/1948>. Acesso em: 14 jan. 2023.
- BENEDETTI, Adriane Cristina. Indígenas e novas tecnologias: o uso de dispositivos de telefonia móvel na organização e mobilização Guarani no sul do Brasil. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 13, n. 3, p. 63-80, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em: 22 abr. 2024.
- COSCARELLI, Carla Vianna; RIBEIRO, Ana Elizia (org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FRANCO, Thiago Cardoso; DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete da Silva. O net-ativismo indígena na Amazônia, em contextos pandêmicos. *Estudos em Comunicação*, [S.l.], n. 31, p. 109-132, 2020. DOI: <https://www.doi.org/10.25768/20.04.03.31.06>
- LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- NORONHA, Flaviana Carneiro. O direito e as novas tecnologias da informação e comunicação. *Webartigos*, 7 out. 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-direito-e-as-novas-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao/49018>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *O discurso fundador: a formação de um país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2018.
- PINTO, Benedita Celeste de Moraes; PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. Tecnologias de Informação: a inserção de outras linguagens nas práticas educativas e culturais do povo

- Assurini da Aldeia Trocará, Município de Tucuruí/PA. In: DOMINGUES, Andrea *et al.* (org.). *Linguagens e resistências*. Cametá, Pará: UFPA, 2018.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Revista Projeto História*, São Paulo, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- SANTOS, Alex Barbosa. *Inclusão digital e comunidades indígenas: a internet como parceira*. Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 2011.
- SANTOS, Isabella de Gregório; OLIVEIRA, Anderson Luiz de. As Tics como ferramentas de perpetuação da cultura indígena. In: JICE-JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO, 10., 2019.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- WEYH, Laís Francine; PEREIRA Josei Fernandes. Tecnologias e identidades culturais na pós-modernidade: o caso da Aldeia Guarani Tekoá Piãú. In: WEYH, Cênio Back (org.). *Expressões monográficas: educação transformadora*. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 59-76.